

ANTÓNIO BAPTISTA

TEMAS POPULARES

FESTAS DAS CRUZES

NA LENDA E NA TRADIÇÃO

Separata do jornal «A VOZ DO MINHO»,
n.º 656, de 5 de Maio de 1979



BARCELOS



3)
94.2(469.12)(04)
AP



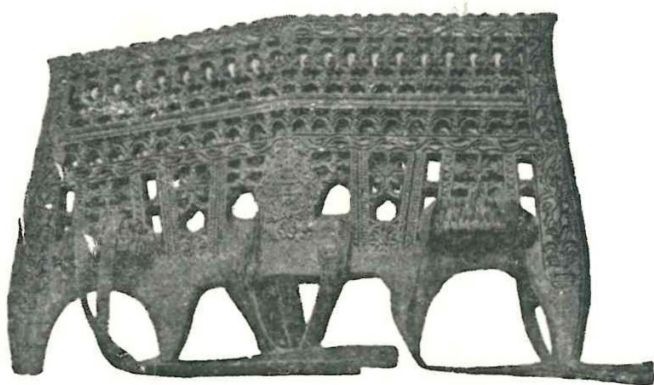
FESTAS DAS CRUZES

NA LENDA E NA TRADIÇÃO

Barcelos, vetusta e linda, Dona do Cávado, alcandorada neste cantinho maravilhoso do Minho, onde o verde marca uma presença de sempre, projecta-se e renova-se ao longo do tempo.

É o vinho verde das festas e romarias (por vezes promissor de estonteamento e alegria); é o *verde-*

Também aqui, em Barcelos, onde o Cávado passa na sua sinfonia líquida de sempre, a história e a lenda se irmanaram deixando suas marcas numa interpenetração psicológica e social, criando no tempo e no espaço uma escala de culturas e civilizações profundamente enraizadas no passado.



-gaio das danças e cantares com sua dispersidade esplendorosa; é o verde inconfundível das suas gritantes e poéticas paisagens, que perduram e perdurarão nas almas e retinas de cada um de nós. Aqui, neste rincão sagrado de Portugal, o verde do Minho é e continuará a ser a grande esperança do HO-MEM E DA NATUREZA.

Não pode haver presente nem futuro sem passado.

Ainda sem nos afastarmos demasiadamente do diagrama das rotações cíclicas do clima deste Barcelos, temos de concordar que é benigno. A natureza foi pródiga. Por todo este vasto concelho há termos e expressões, que lhe são bem peculiares. Abundam, em cer-

— 1 —

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

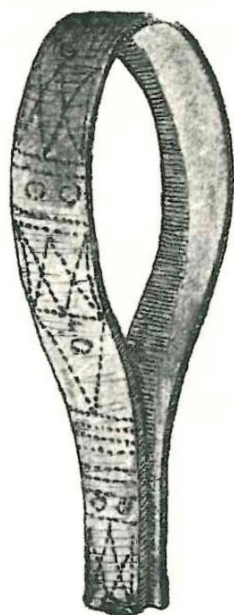
MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60216

Barcelos

ta medida, os neologismos. E podemos afirmar, sem grande receio de nos afastarmos da verdade, que a Dona do Cávado, como aliás todo o Minho, têm uma fenomenologia linguística Peninsular, bem



semelhante à da vizinha Galiza. Há quase uma vinculação horizontal. Os seus cantares écoam de geração em geração testemunhando uma vitalidade de costumes e tradições, que regulam todo um esquema regionalmente expressivo, que vem ou remonta talvez desde o **HOMEM DO OCIDENTE HISPÂNICO**.

O próprio teatro popular de Entre Douro-e-Minho é testemunho revelador e transparente de toda uma influência árabe, que atinge a sua expressão mais alta no *ciclo Carolíngio*. A veracidade desta afirmação encontra-se bem patente nos seguintes autos populares: «O Auto de Floripes» e «Os Turcos de Crastro». O cristianismo e o islamismo chocam-se numa beligerância permanente e renovada.

E as Festas das Cruzes, que são o acontecimento grande de todo o enorme concelho de Barcelos, aceitam e respeitam, de ontem até hoje, ou seja desde 1504 até nossos dias, a evocação do aparecimento das **CRUZES** nos dias 3 de Maio e 14 de Setembro. Há quem afirme, dentro da crença e da lenda, que se vêem *cruzes* como se fossem pintadas na terra. Outros afirmam, ainda desta vez também dentro da lenda e tradição, que as *cruzes* não aparecem logo perfeitas, mas vão surgindo como se fossem manchas enormes a transformarem-se, lenta e demoradamente — em *cruzes* inconfundíveis e perfeitas. O cenário de todo este evento — *lendário ou não* — foi o vasto Campo da Feira. Há quem assevere que tudo isto se passou no dia 20 de Dezembro de 1504 (princ. do séc. XVI). Seja como for, lenda ou realidade, o que é certo é que para comemorar tal acontecimento e per-



petuar tão grande maravilha, se ergueu o templo do **SENHOR DA CRUZ** onde todos os anos se evoca tal efeméride. Junto aos altares laterais, mãos de artistas anónimos modelam, em pleno chão, com pétalas de flores naturais, maravilho-

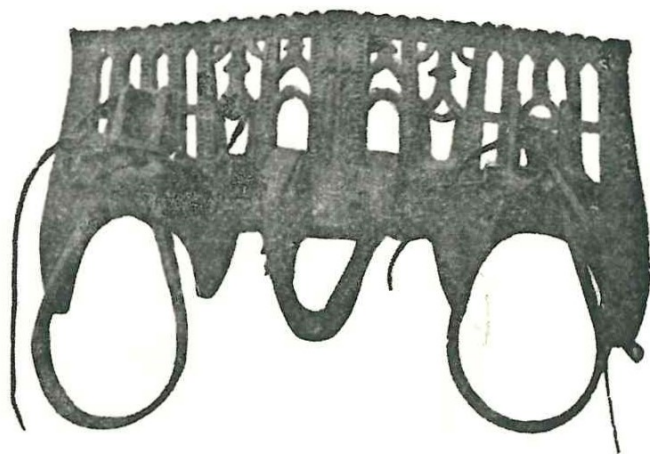
sos tapetes, lembrando uma aguarela policroma.

E assim surgiram as FESTAS DAS CRUZES, Festas da Cidade, Festas do Concelho, Festas do Minho... deste Minho onde nasceu Portugal.

E elas, todos os anos, mostram a potencialidade dum povo crente e do seu grande poder artesanal e criativo. E as Festas não podem ser completas sem a Feira. E é nela que se podem admirar os barros regionais (barros de Barcelos), que vão desde os músicos (ingénuos e

lá existem) e os belos jugos de madeira. Alguns destes jugos, pelo seu requintado trabalho, são autênticas peças de arte, onde o relevo e a talha se encontram: outros, com labores e motivos inspirados na flora e na fauna, são peças que merecem estudo. E — coisa curiosa — há-os também ostentando motivos heráldicos.

Os bordados de S. Miguel da Carreira e de outras localidades do vasto concelho, os cestos, os palmitos, etc., etc., formam um grande museu disperso, renovado e actual,



lindos) aos tão afamados galos de Barcelos (vincadamente inspirados numa velha lenda) até aos bois jungidos a preceito. Depois... dispersos pelo chão, aqui e além, por toda a parte, encontramos a louça vidrada: potes, alguidares, caçarolas (caçoulas) e toda uma gama de formas e feitios, de tamanhos e variedades.

Existem por toda a parte barracas e mais barracas com cerâmica variada a fugir do regional para se integrar na concorrência e na industrialização.

Em locais apropriados encontramos os carros de bois (ainda por

e tudo revela, hoje como ontem, toda uma inspiração e criatividade de séculos. E dentro de todo este maravilhoso cenário deambulam belas mulheres, de rosto limpo de pinturas ou postigos, com os seus ouros pendurados, a tornar mais garrido ainda todo o ambiente festivo.

As Festas são anunciadas logo de manhã, ainda antes do Sol ser nado, com o som preambular dos estridentes morteiros... E o barulho tem de continuar... não pode ficar por aqui.

O anúncio estrídulo dos Zés-peireiras, quase sempre acompanhados

de gigantones e cabeçudos, vão percorrendo as velhas ruas do burgo, marcando assim, ano após ano, a existência das *Grandes Festas*.

De toda a parte, do Minho e fora dele, vão chegando os forasteiros, os romeiros, os curiosos e, ainda, os turistas. É uma paisagem de gente em constante movimento e redopio. Uns vestem ainda à moda antiga da aldeia, são os componentes dos ranchos folclóricos, que, deambulando pela cidade, dão mais realce, brilho e beleza ao conformismo do aglomerado; outros, também dos lugares e aldeias vizinhas ou de longe, trazem os seus fatos de ver a Deus; e aqui e além, alguns turistas, despreocupados, de máquina fotográfica ou de filmar apontadas vão recolhendo nas câmaras o que de novo e inédito e típico valha a pena perpetuar.

O religioso e o pagão dão as mãos formando uma simbiose, que se renovará para o próximo ano, e que teremos de aceitar.

A gente da Galiza costuma estar presente neste certame de barulho e colorido. É nesta altura do ano que muita gente se encontra e abraça. Esta feira marca o encontro, entre os barcelenses dispersos, que

se renova no abraço e beijo amigos.

E a feira continua dias e dias com os carros eléctricos, os carroceis, os poços da morte, as farturas, e toda uma gama de inovações, que se denunciam na confusão de sons gritantes e misturados dos alti-falantes.

Velhos, novos e crianças... tudo se irmana numa fraternidade de cansaço.

Mas a festa só pode terminar com o fogo. Primeiro o fogo preso de rodas a arder, depois — numa extensão enorme — um tapete de tigelinhas acesas no vasto areal das margens do Cávado, completa todo um cenário, quase ritual de luz, que se vai extinguindo com o terminar do fogo do rio (do ar), que é, regra geral, quase sempre, o último número dos muitos de todo um programa. E, assim, neste bailado aéreo de fogo de artifício, terminam as afamadas Festas das Cruzes, cartaz sempre acolhido com alvoroço nesta terra d'encanto e amor da gente portuguesa, tantas vezes enaltecida por poetas e pintores.

Barcelos, Festas das Cruzes de 1979



biblioteca
municipal
barcelos



60216

Festas das Cruzes, na lenda e
na tradição